

Setor naval: a grande estrela da segunda

NITERÓI

por Victor Abramo

fotos Ailton Santos

FENASHORE

Niterói Fenashore – 24 a 27 de setembro

Local: Caminho Niemeyer – Centro de Niterói

Expositores: 106

Visitantes: 20 mil

Investimentos anunciados: US\$ 1,2 bilhão

Rodada de Negócios: 200 pequenas e médias empresas de sete estados

Expectativa de Negócios: R\$ 89,2 milhões

Resultado: 15% superior à edição anterior





A indústria naval foi, sem dúvida, o grande destaque da segunda edição da Niterói Fenashore, realizada de 24 a 27 de setembro, em Niterói. O evento – que reuniu cem expositores e ocupou 2.300 m² do Caminho Niemeyer, no Centro da ex-capital fluminense – atraiu mais de 20 mil visitantes e foi marcado pelo anúncio de projetos que, juntos, totalizam investimentos em torno de US\$ 1,2 bilhão e permitem sonhar com a volta dos bons tempos. A cerimônia de abertura contou com a presença do vice-presidente da República, José Alencar.

Durante o evento, 200 pequenas e médias empresas do Rio de Janeiro, São Paulo, Espírito Santo, Pernambuco, Bahia, Paraná e Santa Catarina, além da argentina Girón, participaram da Rodada de Negócios organizada pela Onip e pelo Sebrae/RJ nos dias 25 e 26. Pequenos e médios fornecedores presentes à iniciativa também saíram satisfeitos da feira, e deixaram para trás a expectativa do fechamento de negócios em torno de R\$ 89,2 milhões nos próximos meses. O resultado supera em 15% o alcançado na primeira edição.

Além de José Alencar, a feira contou com a participação dos ministros do Trabalho, Carlos Lupi, e dos Portos, Pedro Brito; do secretário-executivo do Ministério dos Transportes, Paulo Sérgio Passos; do secretário de Desenvolvimento Econômico, Energia, Indústria e Serviços do Estado do Rio, Júlio Bueno; do presidente da Finep, Luiz Manuel Rebelo Fernandes; do responsável pelo Programa de Mobilização da Indústria do Petróleo (Prominp), José Antônio Figueiredo; da secretária de Desenvolvimento e Tecnologia de Niterói, Jandira Feghali; e do prefeito de Niterói, Godofredo Pinto.

Boas notícias para a construção naval

Entre os grandes empreendimentos anunciados por empresas da indústria naval e *offshore*, ganharam destaque a criação do complexo naval do Grupo Mac Laren (US\$ 250 milhões), a construção de quatro navios contratados ao Estaleiro Mauá Jurong pela Transpetro (US\$ 270 milhões); a modernização da plataforma Olinda Star pelo consórcio Estaleiro Mauá/Queiroz Galvão (US\$ 300 milhões), e outros investimentos que somam algo em torno de US\$ 350 milhões.

No último dia da feira, a Log-In (ex-Docenave) exibiu seus planos para ampliação do serviço de navegação costeira, com o investimento de quase R\$ 700 milhões na construção de cinco novos porta-contêineres contratada ao Estaleiro Eisa. Já o Estaleiro Aker Pro-mar confirmou a construção de uma nova planta industrial em terreno de 150 mil m² no distrito de Barra do Furado, divisa de Quissamã e Campos dos Goytacazes, ao norte do estado do Rio de Janeiro. O investimento estimado é de cerca de R\$ 80 milhões.

Banco do Brasil faz a estréia no setor

Ainda na área de negócios, a feira foi palco de um inédito acordo celebrado entre a Companhia Brasileira de *Offshore* (CBO) e o Banco do Brasil, no valor inicial de R\$ 12 milhões, inaugurando participação do banco como agente financeiro do Fundo de Marinha Mercante (FMM). Os recursos vão permitir ao Estaleiro Aliança transformar as embarcações CBO *Campos* e CBO *Rio*, do tipo PSV (*Platform Supply Vessel*) em embarcações do tipo RSV (*ROV Support Vessel*).



O presidente da CBO e do Estaleiro Aliança, **Luiz Maurício Portela**, destacou a agilidade do Banco do Brasil na operação, e lembrou que o Grupo Fischer, acionista controlador das duas empresas, tem como diretriz neste segmento o atendimento às operações da Petrobras para a produção de petróleo em alto mar.

"Os navios tipo RSV serão usados no apoio às operações submarinas da Petrobras, com veículos de operação remota (ROV) e lançamento de *transponders* em profundidades de até 3 mil metros. Serão equipados com transdutores para o sistema de referência hidroacústico, guincho, dispositivos para lançamento e recolhimento de *transponders*, sistema de correção de GPS por satélite e sistema de transmissão de dados e voz via satélite, entre outros", destacou Portela.

Ainda segundo o executivo, a transformação exigirá um aumento no número do pessoal embarcado, com um acréscimo de 15 pessoas diretamente envolvidas nas operações de ROV, além de três tripulantes para atender à demanda do novo tipo de operação. "Para acomodar este pessoal será construída uma nova superestrutura a ré, com cabines, banheiros, sala de estar,



sala de operações e unidade de ar-condicionado própria", explicou.

No Estaleiro Aliança já está em andamento a construção de quatro navios do tipo PSV, baseados no projeto UT 715L, especializados no apoio a unidades flutuantes de perfuração e produção de petróleo em alto mar. A construção foi acertada em maio passado, após conquista pelo grupo, em licitação internacional, dos contratos de serviços de apoio marítimo à estatal. As obras, no valor de US\$ 100 milhões, serão em parte financiadas pelo Fundo de Marinha Mercante, através do BNDES, e por recursos do Grupo Fischer.

BNDES deve aportar recursos na construção naval

Durante a participação em um dos painéis realizados na feira, o secretário-executivo do Ministério dos Transportes, **Paulo Sérgio Passos**, citou como prova do aquecimento do setor o fato de o FMM ter liberado, apenas este ano, mais de R\$ 1 bilhão para a indústria naval, "quase o dobro do montante

destinado a obras navais no ano passado", destacou. Os dados foram apresentados no último dia do evento, durante a palestra "Visão atual e perspectivas do Programa de Modernização e Expansão da Marinha Mercante Brasileira".

"Além dos recursos do FMM, o governo federal trabalha com a perspectiva de que o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) também vá aportar recursos suplementares, para sustentar o crescimento da construção naval", adiantou Passos, citando que este ano já foram entregues nove embarcações de apoio marítimo no valor de R\$ 425,4 milhões, e contratados 19 petroleiros, totalizando R\$ 3,7 bilhões. Estão em análise operações para a construção de mais 14 embarcações de apoio marítimo, que somam R\$ 904 milhões, e de seis rebocadores orçados em R\$ 65 milhões.

Passos admitiu que existe a preocupação em relação a uma possível



Foto: Edsom Leite

falta de profissionais treinados (oficiais, tripulantes e técnicos) para atender à demanda crescente. "É um desafio prover essa

mão-de-obra. Mas estes são problemas que nos animam. Significam que saímos de uma condição vegetativa, e é sempre bom ver o país e a indústria naval crescendo”, afirmou.

Evento reúne interessados em qualificação

O interesse pela formação de profissionais para o setor naval e de petróleo atraiu diversas entidades acadêmicas e, da mesma forma, muita gente interessada em se informar sobre cursos e demais notícias relacionadas ao setor. A Universidade Federal Fluminense (UFF), a Coppe/UFRJ, o Conselho de Engenharia do Rio de Janeiro (Crea-RJ) Fundação de Apoio à Escola Técnica do Estado do Rio de Janeiro

(Faetec), Fundação Getúlio Vargas (FGV) – através de sua conveniada em Niterói, a Capital Humano – e o Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura (Crea-RJ) foram algumas das instituições presentes.

O estande da Faculdade de Engenharia da UFF foi um dos mais movimentados durante os quatro dias do evento. Lá, entre outras coisas, foi lançado o novo portal do programa Niterói Polotec. Coordenado pela UFF, o Projeto Diagnóstico e Planejamento do Arranjo Produtivo do Setor Naval/Offshore (Polotec) foi criado com o objetivo de fomentar, de forma coordenada, ações voltadas para o desenvolvimento da indústria naval de forma sustentável e competitiva.

Os responsáveis pelo portal explicaram que a ferramenta vai proporcionar a criação de um ambiente integrado, que facilitará a troca de informações relacionadas a demandas e ofertas, pesquisas, fontes de financiamento e oportunidade de empregos e cursos. O portal eletrônico www.lmdc.uff.br/polotecnit traz detalhes do projeto, desenvolvido pelo Laboratório de Metrologia Dimensional e Computacional (LMDC). O *site* também disponibiliza informações sobre eventos, parcerias e ainda um espaço para agendamento de reuniões.

Também bastante procurado por jovens interessados em formação profissional, a Capital Humano

Grupo Mac Laren construirá complexo naval *offshore*

Notícia aguardada com grande expectativa pelos participantes da Niterói Fenashore 2007, a construção de um dique seco de grande porte em Niterói, dentro de um complexo naval a ser erguido na Ponta D’Areia, foi confirmada no dia 27 de setembro, com o lançamento da pedra fundamental do empreendimento. De acordo com Gisela Mac Laren, presidente do grupo, serão investidos cerca de US\$ 75 milhões na ampliação do estaleiro, que passará dos atuais 25 mil m² para 95 mil m², e na construção do maior dique seco da região Sudeste do país, com 150 m x 160 m de área total.

A unidade terá capacidade para construir navios-plataforma do tipo FPSO, plataformas semi-submersíveis e navios de apoio de grande porte. “O Rio de Janeiro poderá reverter a ida de projetos para outros



Jandira Feghali, secretária de Desenvolvimento, Ciência e Tecnologia de Niterói; Gisela Mac Laren, presidente do Grupo Mac Laren; Sérgio Cabral, governador e Godofredo Pinto, prefeito de Niterói.

estados e países, além de atrair novos investimentos nacionais e estrangeiros”, disse a executiva. A cerimônia contou com a presença do governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral; do prefeito de Niterói, Godofredo Pinto; da secretária de Desenvolvimento, Ciência e Tecnologia de Niterói, Jandira Feghali; e executivos do setor naval e *offshore*.

Gisela Mac Laren contabiliza que, durante a construção do complexo

serão gerados cerca de mil postos de trabalho, e com o empreendimento concluído, no fim de 2008, dependendo do fechamento de novos projetos que se encontram em fase de negociação, é possível prever a abertura de cerca de 5.500 empregos diretos. Feito o investimento, a intenção do Grupo Mac Laren é atender não apenas à demanda interna, mas disputar espaço no mercado internacional.



Foto: Ailton Santos

A NITERÓI FENASHORE
JÁ FAZ PARTE DO CA-
LENDÁRIO INTERNACIO-
NAL DO SETOR E SE
CONSOLIDOU COMO UM
PATRIMÔNIO DA CIDADE.



Jandira Feghali, secretária de
Desenvolvimento e Tecnologia de Niterói

apresentou em seu estande informações sobre seus cursos de MBA, com destaque, de acordo com o evento, para Gerenciamento de Projetos, Gestão de Negócios em Indústria Naval e Offshore e Gestão de Negócios em Petróleo e Gás, todos com o seguinte diferencial: oferecem aulas quinzenais em período integral (das 8h às 17h30), em Niterói. A Capital Humano funciona há dez anos na ex-capital fluminense, e já formou mais de 4 mil alunos nos cursos de MBA/Pós-graduação. Para atender à forte demanda do setor, ainda neste segundo semestre a instituição abrirá sua sexta turma de Petróleo e Gás.

Já o Crea-RJ direcionou a participação no evento para sua atribuição legal, que é regulamentar as profissões da área tecnológica, e realizou em seu estande diversas palestras técnicas voltadas para a indústria naval e *offshore*. Aproveitando a ocasião, o presidente do conselho, **Reynaldo Barros**, lançou, no primeiro dia de feira, o livro *Energia para um novo mundo*, de sua autoria.

Mauá e Queiroz Galvão vão modernizar plataforma

O Estaleiro Mauá Jurong e a Queiroz Galvão Óleo e Gás assinaram, durante a Niterói Fenashore 2007, a ata que marca o início das obras de conversão da plataforma semi-submersível *Olinda Star*. Depois de terminada a reforma, a unidade estará apta a perfurar até 7 mil metros, ancorada em lâmina d'água de 1.100 m em projetos de exploração e produção nas bacias de Santos e Campos.

A modernização, que deverá estar concluída no fim de 2008, inclui a fabricação e instalação de pedestais e instalação de guindastes; troca da torre de perfuração; instalação de equipamentos de perfuração; troca de geradores, compressores, mesa rotativa; instalação de bombas e peneiras de lama; fabricação e instalação de acomodação para 126 pessoas; fabricação e instalação de *blisters*, de sistema antipoluição do mar; extensão do convés, do novo *bracing* horizontal, elevação da subestrutura do *drill floor*, instalação de guinchos de âncora, *fair-lead*s e cabos; logística de cais, carreira e equipamentos de içamento de cargas.

De acordo com o Mauá, esse será o maior *upgrade* de uma plataforma de petróleo já realizado no país, e a obra permitirá a ma-

nutenção de pelo menos 500 postos de trabalho. Concluída a empreitada, a plataforma voltará à sua atividade de origem, pois



apesar de desenvolvida como unidade de perfuração, chegou a operar na produção. Ainda durante a

feira, o presidente da Transpetro, Sérgio Machado, anunciou a contratação para a construção de quatro navios pelo estaleiro niteroiense.

Atlântico Sul entrega primeiro navio em 2009

Anunciado como a maior e mais moderna planta industrial para construção naval do hemisfério Sul, com capacidade de processamento de aço projetada para 100 mil toneladas ano, o Estaleiro Atlântico Sul não poderia ficar de fora da Niterói Fenashore. Em processo de construção desde fevereiro em um terreno de 78 hectares no Complexo Industrial de Porto Suape, em Pernambuco, o projeto exigirá investimentos em torno de R\$ 670 milhões, com expectativa de gerar cinco mil empregos diretos e 20 mil indiretos quando entrar em operação. Só nessa etapa inicial estão sendo investidos R\$ 45 milhões.

"No momento, estamos em pleno processo de transferência da sede da empresa do Rio de Janeiro para Recife, onde ela ficará provisoriamente até abril de 2008, quando será fixada definitivamente em Porto Suape", adianta



Wolney Teixeira, gerente de Compras Internacionais, acrescentando que a empresa traba-

lha com previsão de começar o processamento de chapas na metade de 2008, para atender ao contrato de construção de dez navios do tipo Suezmax, fechado com a Transpetro. "Pretendemos entregar a primeira das embarcações deste lote em 2009. O fim do contrato está previsto para 2012/2013", diz Teixeira.

Segundo o executivo, o objetivo da empresa ao participar da Niterói Fenashore é mostrar o que representa o Estaleiro Atlântico Sul para a indústria naval brasileira e o que vai significar não apenas para Pernambuco, mas para todo o Nordeste brasileiro. "Podem ter certeza de que a chegada do EAS vai provocar uma profunda transformação na área", aposta o diretor da empresa.

A intenção dos responsáveis pelo empreendimento é utilizar ao máximo possível a mão-de-obra local, e em função disso, através de convênio firmado com o Senai, já começou a treinar funcionários e a qualificar centenas de candidatos a trabalhar no estaleiro. De acordo com executivos da empresa, a construção abrirá oportunidade para uma grande cadeia de fornecedores de insu-



mos, já que a intenção é terceirizar peças e serviços, abrindo espaço para fabricantes de tintas especiais, componentes elétricos, equipamentos eletrônicos, mobiliário, cozinhas industriais para embarcações e uma extensa lista de insumos, incluindo tecnologia de informação e comunicação (TIC).

Na construção naval propriamente dita, o estaleiro usará tec-

nologia licenciada pela gigante sul-coreana Samsung Heavy Industries (SHI), segunda maior empresa de construção naval do mundo, seguindo certificações internacionais reconhecidas internacionalmente pelo setor naval. De acordo com o executivo, é intenção do EAS é adquirir o que for possível de empresas brasileiras. No caso dos primeiros navios a serem construídos, o ín-

Rodada de negócios teve 612 reuniões

Sob o tema "Desenvolvimento, tecnologia nacional e capacitação de recursos humanos", a rodada de negócios promovida pela Onip e pelo Sebrae/RJ foi aberta pelo presidente da República em exercício, José Alencar. Durante dois dias foram agendadas 612 reuniões com as 13 empresas-âncora (Petrobras, Techlabor, Mauá-Jurong, Shell, Transpetro, Mac Laren Oil, Acergy, Consórcio PCP Engevix, Nuclep, Maersk, Estaleiro Navship, Estaleiro Aliança e Ultra-

tec). A lista de demandas das âncoras foi de mais de 600 itens e a expectativa do fechamento de negócios nos próximos meses ficou em torno de R\$ 89,2 milhões. O resultado supera em 15% o alcançado na primeira edição.

Durante a inauguração, mais uma boa notícia relacionada à indústria naval chegou ao conhecimento do público. O presidente da Transpetro, Sérgio Machado, aproveitou a ocasião para anunciar a assinatura de um contrato para construção de quatro no-

vas embarcações encomendadas ao estaleiro Mauá Jurong, de Niterói.

A cerimônia de abertura também foi marcada pelo início das operações do Banco do Brasil como agente do FMM. Na ocasião, a CBO assinou contrato no valor de US\$ 5,8 milhões, tendo o Banco do Brasil como agente financeiro do FMM. Os recursos serão destinados às obras de transformação das embarcações CBO *Campos* e CBO *Rio*, atualmente do tipo PSV em embarcações do tipo RSV, usadas no apoio a operações submarinas da Petrobras.



O MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO VAI ESTUDAR PROJETOS ESPECÍFICOS DE QUALIFICAÇÃO PARA A INDÚSTRIA NAVAL.



Carlos Lupi,
ministro do Trabalho e Emprego

dice de nacionalização terá de ser, no mínimo, de 65%, como exige o Programa de Modernização e Expansão da Frota (Promef) da subsidiária da Petrobras.

Mostra de Nacionalização incentiva a indústria nacional

A segunda edição da Niterói Fenashore teve como grande diferencial a Mostra de Nacionalização, promovida pelo Sebrae, Prefeitura de Niterói e Organização Nacional da Indústria do Petróleo (Onip). Com o objetivo de aumentar o grau de nacionalização nas encomendas da indústria naval e *offshore*, Transpetro, Shell, Estaleiro Aliança e Nuclep apresentaram aos fabricantes brasilei-

ros equipamentos, peças e produtos que hoje são importados mas podem ser fabricados no Brasil.

Enquanto a Shell buscou identificar fornecedores de peças sobressalentes, como partes de válvulas e de bombas, na Nuclep a demanda foi por fabricantes de peças para motores de propulsão. A empresa, que vai montar uma fábrica em Itaguaí para produzir motores com tecnologia da Wärt-silä, procurou estabelecer contatos com fornecedores nacionais de solda, tinta, óleo, ferramentas para usinagem, tubos, flanges fundidos e forjados. "Nossa meta é atingir o índice de 85% de nacionalização dos motores", disse o gerente de Materiais e Fabricação da empresa, Paulo Sampaio Domingues.

Desenvolvimento e capacitação: grande tema em debate

A importância do desenvolvimento tecnológico e da capacitação de mão-de-obra nos setores naval e de petróleo foi enfatizada pelas autoridades e empresários que participaram da segunda edição de Niterói Fenashore. Principal integrante do painel "Capacitação profissional – estratégia, projetos e recursos. vinculação com o setor naval *offshore*", o ministro do Trabalho e Emprego, Carlos Lupi, disse que seu ministério vai estudar projetos específicos de qualificação para a indústria naval, e defendeu a utilização de recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT) para financiar a construção naval.

"Nos últimos cinco anos, o número de trabalhadores na indústria naval de Niterói saltou de 1,5 mil para 12,5 mil. O município emprega, hoje, um terço dos trabalhadores formais do setor em

todo o país, e a nossa meta é chegar a 20 mil ou 25 mil trabalhadores nos próximos cinco anos", afirmou Lupi durante a palestra.

De acordo com o ministro, dos R\$ 160 bilhões do FAT, há R\$ 550 milhões a serem destinados à qualificação, por meio de convênios com estados e municípios. Lupi disse que pretende estender o convênio do Ministério com unidades do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet) do Rio de Janeiro e de Campos à unidade que está sendo construída em São Gonçalo, município vizinho a Niterói. Juntos, ainda segundo o ministro, o Cefet do Rio e o de Campos estão formando, este ano, mais de 1,5 mil profissionais.

Sobre a utilização de recursos do FAT para financiar a construção naval, Lupi disse que atualmente 82% dos recursos do BNDES vêm do FAT, e que acredita que os recursos do Fundo também poderão ser canalizados para o setor naval.

Finep registra recorde de investimento em tecnologia

A notícia foi dada no penúltimo dia do evento por **Luiz Manuel Rebelo Fernandes**, presidente da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), órgão subordinado ao Ministério de Ciência e Tecnologia, durante o painel "Capacitação tecnológica e profissional: inovação". Para Rebelo, o Ministério de Ciência e Tecnologia quer fazer da inovação um motor da política tecnológica do Estado. "Atingimos um pico de investimento em tecnologia no Brasil. Em 2008, serão destinados R\$ 2,8 bilhões con-



Foto: João Luiz Ribeiro

tra apenas R\$ 1,1 bilhão em 2005."

Apesar do volume de investimentos, só alcançado em 1979, e do interesse crescente das empresas pelo tema, o presidente da Finep alerta para o baixo desempenho dos trabalhos brasileiros divulgados na comunidade internacional. "O número de patentes depositadas em escritórios internacionais é seis vezes menor do que o de trabalhos acadêmicos publicados no exterior."

A necessidade de incentivo à pesquisa e à inovação tecnológica foi reforçada pelo gerente executivo da Petrobras, **José Antônio Figueiredo**, responsável



pelo Programa de Mobilização da Indústria do Petróleo (Pro-minp). Figueiredo opina que, caso isso não

ocorra já em 2008, a produção de petróleo sofrerá uma queda de cerca de 180 mil barris/dia (10% da atual produção anual). A previsão é de que a demanda aumente dos atuais 1,9 bilhão de barris/dia para 2,4 bilhões em 2012. "Somos dependentes de investimento em tecnologia porque temos que ir aonde o petróleo está para aumentarmos a produção de forma sustentável e sem perder a sustentabilidade", afirmou, ressaltando a necessidade de compartilhar conhecimento.

Arena de Responsabilidade Social atrai jovens

Outra das gratas surpresas da segunda edição da Niterói Fenashore foi a Arena de Responsabilidade Socioambiental promovida pelo Estaleiro Mauá-Jurong. Durante os quatro dias do evento, grandes grupos de crian-



ças, jovens e idosos percorreram as dependências da exposição e da feira de empresas ligadas ao setor naval e *offshore*... mas foi na tenda da Arena que todos eles se sentiram mais à vontade.

Diversas instituições ligadas ou comprometidas com o Terceiro Setor se revezaram na tarefa de divulgar suas atividades interagindo com o público, e o resultado foi uma apreciada e disputada sucessão de oficinas de dança, música, teatro, ginástica, artesanato, artes plásticas e reciclagem. Também foram franqueadas diversas palestras sobre meio ambiente, para divulgar serviços e produtos de micro e pequenas empresas fornecedoras ou potenciais fornecedoras da indústria naval, ou sobre projetos sociais de expositores e conferencistas presentes ao evento.

Palestras sobre "Riscos de resíduos sólidos no mar e ação local",

realizada por Teresa Cristina Bernardes, da Secretaria de Meio Ambiente de Niterói, e "Responsabilidade social e você", apresentada por **Lia Medeiros**, diretora da revista **TN Sustentável**,



e Vinicius Capilé, gerente de projetos da publicação, chamaram a atenção para a importância de cada um cumprir sua parcela na luta pela preservação da natureza e observar os preceitos da responsabilidade social. No encerramento, o público acompanhou a palestra "Autoestima também é alto astral", com a astróloga e artista multimídia Leiloca (ex-integrante do grupo As Frenéticas), e dançou ao som do grupo Jacaré e seus Crocodilos (MPB/Bossa Nova) e da Banda VaiManel (Pop Rock).



Expositores apostam em TECNOLOGIA, INOVAÇÃO E SERVIÇOS

Além de nomes sempre presentes aos grandes eventos ligados à construção naval e à indústria *offshore*, como os estaleiros Mauá, Mac Laren, Aliança, Ultratec, Eisa, Aker Promar, UTC, Brasfels e CBO – e do estreante Atlântico Sul; instituições de pesquisa e ensino federais e estaduais e empresas catalisadoras como a Petrobras e seu braço logístico, a Transpetro, dezenas de fornecedores de serviços e equipamentos movimentaram a segunda edição da Niterói Fenashore.

E entre os expositores presentes havia uma determinação praticamente unânime: aproveitar o evento para costurar parcerias e atrair novos clientes usando o quesito 'tecnologia' como principal atrativo. Foi o caso, por exem-

plo, do Sindicato Nacional de Oficiais da Marinha Mercante (Sindimar), que levou para o evento um simulador de navegação de última geração. "Nosso objetivo é mostrar ao setor nosso equipamento, certificado pelo Instituto Náutico de Londres. É o mais moderno e completo do mundo, e motivo de orgulho para todos nós do Centro de Simulação Aquaviária do Sindimar, em pleno Centro do Rio", diz **Marco Aurélio Lucas da Silva**, diretor do sindicato.



De acordo com o dirigente, o aparelho permite treinar os oficiais da marinha mercante em condições bem próximas das que eles podem

enfrentar no dia-a-dia da profissão, incluindo uma simulação de máquinas integrada ao passadiço, por enquanto ainda em PC, mas que já permite situar o equipamento na ponta da simulação mundial. "Estamos aqui não apenas com nosso simulador, mas também representando a Universidade Corporativa de Marinha Mercante, instituição que trabalha para possibilitar ao mercado ter oficiais mais capacitados para tripular seus navios", assegurou Marco Aurélio.

Também apostando na tecnologia, a carioca Agecom, empresa especializada na montagem de sistemas de comunicação sem fio com mais de 20 anos de experiência em transmissão de dados (*wireless*), câmeras para monitoramento por internet e intranet,



comunicação de voz (revenda Motorola), voz sobre IP, *network* e automatização, exibiu seus produtos com a certeza de conseguir novos clientes.

"A Agecom é pioneira no Brasil na utilização da tecnologia OFDM, pré-WiMax, equipamento atualmente usado, e que proporciona alta velocidade. Um exemplo de nosso trabalho é a interligação de duas plataformas da Petrobras, a P-43 e a P-48, com seus respectivos estaleiros, o Mauá Jurong e o antigo Brasfels", disse **Guttemberg Neto**, gerente de marketing da empresa.

No curto prazo, o plano da Agecom é ser a empresa referência no Rio de Janeiro em tecnologia de comunicação sem fio para o mercado *offshore*, incluindo câmeras IP para videovigilância.

"Você pode monitorar cais, tripulação, embarcação; enfim, todo o desenrolar de uma obra no estaleiro pela internet. De casa ou de outro lugar qualquer o executivo pode monitorar o serviço. Essa é a nossa missão", acentua Guttemberg, sem falsa modéstia.

Já a Polifix, fábrica de parafusos e fixadores especiais sediada no Gradim, em São Gonçalo, e com dez anos de existência, foi à



Niterói Fena-shore para mostrar seus produtos e, mais do que isso, anunciar seus planos de expansão.

"Nosso parque industrial tem cerca de 1.500 m² e estamos buscando uma área para dobrar de tamanho. Hoje, movi-



mentamos 100 toneladas de parafusos/mês, e queremos chegar a uma capacidade de 150 toneladas/mês no prazo de um ano", informou **Ademar Romero Valle**, diretor industrial da Polifix.

Com a produção voltada exclusivamente para a indústria naval e de petróleo – é uma fornecedora tradicional da Petrobras – a Polifix atua em todo o Rio de Janeiro (Reduc-Macaé) e vários pontos do território nacional, como Fortaleza, Aracaju, Espírito Santo, Bahia, projeto Revap. Segundo Ademar, a empresa esteve presente em todas as grandes obras da retomada dos investimentos da indústria naval.

"Cerca de 50% dos parafusos da P-50, P-52, P-53 e P-54 (nesta última cerca de 30% de fixadores, como parafusos especiais, estojos, grampos em U inox e emborrachados) foram fornecidos por nós. São produtos de alta resistência. Estamos estreando esse ano com a ajuda do pessoal do Sebrae na Rodada de Negócios, e temos grandes expectativas de sairmos daqui com contratos fechados com o Mauá e com o Mac Laren", disse.

Estreando na feira niteroiense, a Conticel Rio, empresa de locação e vendas de contêineres com sede em Bonsucesso/RJ, guardou para o evento o lançamento de um contêiner habitacional que pode ser usado no mar ou na terra: montado em duas horas, tem o transporte facilitado porque vem dividido em quatro módulos fáceis de se manusear.

"Nosso diferencial é o custo-benefício", assegura Caio Marques de Oliveira, gerente de operações da empresa. "Com 9,5 pés de altura (2,59 m)", continua ele, "o equipamento da Conticel Rio é mais adequado para habitabilidade, porque hoje o concorrente disponível no mercado tem 8,5 pés (2,20 m). O nosso oferece ainda detalhes como uma cortina que controla a luminosidade e isolamento acústico, além de portas estanques".

Ainda segundo Caio, a empresa atende em todo o estado do Rio de Janeiro, e conta com parceiros em São Paulo, Vitória e Manaus. "Por enquanto os módulos – fabricados na China com tecnologia italiana – são importados, mas temos planos para, no curto prazo, começar a fazer alguns aqui no Brasil. Talvez isso já aconteça a partir do ano que vem", anunciou o executivo sem fixar data.

Interessada em não perder terreno no disputado mercado do

setor naval, a baiana Hita, com sede em Salvador, marcou presença na Niterói Fenashore com sua linha de polímeros para manutenção industrial e recuperação de revestimentos especiais. "São produtos que substituem soldas elétricas e fragilizam menos os equipamentos que necessitam de reparos, aumentando sua vida útil", explica o diretor **Diego Hita**.

"Se o material é usado no revestimento de um tanque de lastro ou num tanque de carga, a empresa obtém muito mais durabilidade e tem menos necessidade de reparos. Como consequência diminui o tempo de interrupção do funcionamento do equipamento e os gastos com manutenção também", explica Diego.

Apesar de participar pela primeira vez da feira niteroiense, a Hita tem representante no Rio de Janeiro para atender o setor naval, e, segundo o diretor, é muito solicitada pela Transpetro, Renave e pela própria Petrobras. "Dessa forma, resolvemos participar do evento para dar uma divulgação maior ao nosso trabalho. Nosso principal objetivo é conhecer novos clientes, fazer contatos e trabalhar possíveis parcerias no mercado naval e *offshore*", afirma.

Resultado da fusão de duas empresas – a norueguesa Dânica (especializada em câmaras frigoríficas industriais), e a dinamarquesa Norac (que trabalha com arquitetura interna para projetos navais) – realizada ano passado, a Dânica Norac chegou ao Brasil determinada a conquistar espaço no mercado. Na área naval, seu principal escritório fica na Barra da Tijuca/RJ, mas a empresa já



tem programada a construção de uma fábrica no Sul do país.

"Ainda estamos lançando a empresa no Brasil. Primeiro estivemos na Navalshor, na Cidade Nova/RJ, e agora aproveitamos para estar aqui, em Niterói, fazendo nossa apresentação. A expectativa inicial é mesmo divulgar a empresa, mostrar a cara. Mas já temos alguns projetos em vista com estaleiros da cidade", assegura o gerente-geral no Brasil, **Juliano Canato**.



"Atuamos em toda a América Latina. Temos vários projetos no México, mas o Brasil foi escolhido para acolher a fábrica da Dânica Norac, que vai ficar em Joinville, Santa Catarina, e deve começar a produzir no fim deste mês de outubro. Lá, vamos produzir todos os anteparos de interiores navais, todo tipo de teto e piso utilizado em embarcações. Portas, banheiros e janelas, por enquanto, continuarão vindo da Noruega ou da China, mas o objetivo é que logo também sejam feitos aqui", afirma Canato.

Há vários anos atuando no fornecimento de equipamentos para grandes empresas da área de petróleo e construção naval, e pela segunda vez no evento, a Fluhicon, empresa que trabalha com as conexões, tubos, registros, válvulas, mangueiras, terminais, braçadeiras, acessórios hidráulicos e pneumáticos, com sede em Olaria/RJ, montou um estande no evento de Niterói, mas tinha os olhos voltados para o vizinho município de Itaboraí.

"Desta vez estamos trazendo novidades na linha pneumática, e com o principal objetivo de conseguir maior penetração no mer-

cado, visando participar como fornecedores da construção de plataformas e da indústria naval como um todo. Mas não podemos nos esquecer do pólo petroquímico (Comperj) que a Petrobras vai construir em Itaboraí”, adiantou Sérgio Murilo Teixeira, diretor da Fluhicon, acrescentando que a participação de um evento como o de Niterói sempre produz uma expectativa de melhoria e crescimento no mercado.

Com apenas cinco anos de Brasil, a CAM, uma empresa do Grupo Endesa – o mesmo controlador das distribuidoras de energia Ampla (Rio de Janeiro) e Coelce (Ceará) – com matriz no Chile, atua na área de serviços e montagens de sistemas industriais.

Segundo **Carlos Lopes**, diretor de manutenção, a empresa, sediada no Colubandê, São Gonçalo, veio para o Brasil para dar apoio à Ampla na área de serviços.



“Mas aos poucos a CAM ultrapassou fronteiras e já tem vida própria no mercado de energia. Atuamos, basicamente, na área de medição e reparo de medidores, reparo de calibração de medidores, medição centralizada e controle de fuga de energia. Além disso, temos um setor de obras elétricas que atua com construção e manutenção de linhas de transmissão e subestações, e ainda um novo segmento encarregado de realizar projetos de iluminação arquitetônica como representante de uma empresa americana”, conta Lopes, acrescentando que, no setor naval, a CAM está presente na montagem e manutenção de sistemas e instalações elétricas.



Da feira também participam empresas e profissionais especializados em facilitar a concretização de empreendimentos industriais, como a RM Consultoria Econômica, com sede em Niterói. Ex-presidente da antiga Empresa Brasileira de Solda Elétrica, pioneira na construção de “pernas” para plataformas no país e de serviços de “alfaiataria” de aço para a indústria naval, **Ronaldo Augusto da Matta** conta como a RM funciona: “Atuamos na área de consultoria, principalmente em projetos de expansão industrial, na captação de recursos e na gestão de empresas familiares. Temos alguns trabalhos importantes no estado e em outros pontos do Brasil. Na área naval, por exemplo, coordenamos o projeto das Barcas S/A, que levou à modernização tanto das embarcações como de instalações,

como a Estação de Charitas, financiado parte pelo BNDES e parte pelo Fundo da Marinha Mercante (FMM)”, diz.

Para o futuro, segundo Ronaldo, o plano prioritário da RM é acompanhar a expansão do setor em Niterói, auxiliar os eventuais clientes na captação de recursos na parte de reestruturação e gestão empresarial, e em coisas que vêm a reboque da retomada e do desenvolvimento do setor. “Sou da época em que tudo na indústria naval andava rápido. Depois, acompanhei o tempo parado e agora estou de novo junto ao setor em crescimento”, conta o consultor, sem esconder a alegria por participar do evento e rever antigos amigos. ■

